

PRODUÇÃO PAULISTA DE TRIGO EM 2001

José Roberto da Silva¹

A produção brasileira de trigo em 2000 foi de 1,6 milhão de toneladas, de acordo com a Companhia Nacional de Abastecimento (CONAB), o que corresponde a uma queda de 33% em relação ao ano anterior, em razão da redução de 17,3% na área plantada e da ocorrência de diversas geadas em julho nas principais regiões produtoras do País. Essa produção constituiu-se no pior resultado físico dos últimos cinco anos, levando o Brasil à importação recorde de 8,4 milhões de toneladas.

Em São Paulo, conforme os dados do Instituto de Economia Agrícola (IEA) e da Coordenadoria de Assistência Técnica Integral (CATI), a produção caiu 40%, em função de uma redução de 30% na área plantada e também da produtividade, devido à incidência de geadas, resultando em uma produção de apenas 16,5 mil toneladas (Tabelas 1 e 2). Além dos problemas relativos à comercialização do trigo, notadamente a dificuldade de competir com a produção argentina, atualmente responsável pela maior parte do abastecimento do produto, favorecida pelas regras do MERCOSUL, a cultura do trigo em São Paulo há alguns anos deixou de ser a principal opção de inverno, cedendo lugar ao cultivo do milho "safrinha", cujo plantio tem sido feito até o final de março, a partir de quando o risco de perdas por adversidades climáticas aumenta muito. Em 1990, enquanto a cultura do trigo ocupou 185,5 mil hectares, a do milho "safrinha" ocupou 92,3 mil. Em 2000, o milho "safrinha" ocupou 398,4 mil hectares e o trigo, 16,9 mil.

Neste momento em que se inicia a época de plantio de trigo, as condições do mercado internacional estão sinalizando boas perspectivas de preço para o triticultor nacional. Segundo dados do Departamento de Agricultura dos Estados Unidos (USDA), os estoques finais mundiais de trigo do período 2000/01 deverão ser 13% menores que os do ano anterior. A produção de trigo, segundo estimativa do USDA, deverá ser menor para a maioria dos países grandes

importadores de trigo, os quais, portanto, deverão aumentar os volumes de importação. Mas é o aumento e a instabilidade da taxa de câmbio, que bateu recorde na terceira semana do mês de março de 2001, que estão onerando as importações brasileiras de trigo e aumentando os riscos do endividamento em dólar. Isso faz com que os moinhos brasileiros comprem apenas o necessário para o curto prazo, "da mão para a boca", como se diz no mercado. O recurso ao *hedge* é caro e exige que os moinhos estejam em boas condições financeiras.

Em 2001, os preços do trigo estão mais favoráveis que os do milho, visto que estes últimos encontram-se em patamares muito baixos.

Outro fator que reforça as boas perspectivas para o trigo nacional é a publicação, em 29/03/2001, da Instrução Normativa n.10 do Ministério da Agricultura, que proíbe a importação de trigo argentino de áreas onde ocorrem focos de febre aftosa. Essa medida é boa para o triticultor, mas deverá trazer muita agitação nos segmentos processadores da cadeia produtiva, além de certamente dificultar a importação do trigo argentino. A opção de se importar dos Estados Unidos deverá elevar os custos, uma vez que o trigo tipo *hard*, o mais consumido no Brasil, é mais caro. O consumo do tipo *soft*, mais barato, é menor e mais apropriado para a fabricação de biscoitos. A instrução normativa pegou de surpresa todos os segmentos da cadeia produtiva, causando preocupação no segmento moageiro. A medida deverá trazer muitas alterações ao mercado, uma vez que a Argentina é responsável por mais de 80% do suprimento brasileiro de trigo, e certamente trará muitas dificuldades para o setor moageiro, que deverá reorientar seu planejamento já no curto prazo. Existem navios carregados de trigo argentino a caminho dos portos brasileiros e já há uma expectativa sobre como esse produto será recebido, já que a instrução normativa entra em vigência a partir da data da publicação (29/03/2001).

Contudo, a expansão da área cultivada com trigo no País será limitada pela escassez de

¹Engenheiro Agrônomo, Pesquisador Científico do Instituto de Economia Agrícola.

TABELA 1 - Área Cultivada com Trigo no Estado de São Paulo, 1996-2000

(em ha)

EDR ¹	1996	1997	1998	1999	2000
Assis	9.926	1.704	3.366	5.807	4.287
Avaré	4.220	3.700	2.960	6.453	1.830
Itapetininga	2.103	690	2.090	2.055	1.430
Itapeva	5.800	3.470	6.100	3.300	4.740
Ourinhos	3.720	2.360	2.010	1.860	1.330
Estado	26.308	12.379	16.878	20.100	14.012

¹ Escritório de Desenvolvimento Rural.

Fonte: Instituto de Economia Agrícola.

TABELA 2 - Produção de Trigo no Estado de São Paulo, 1996-2000

(em t)

EDR	1996	1997	1998	1999	2000
Assis	10.871	3.310	8.850	10.789	3.200
Avaré	4.650	6.345	6.507	16.078	4.148
Itapetininga	3.862	1.333	3.864	3.720	2.700
Itapeva	9.960	5.928	11.190	6.480	4.572
Ourinhos	2.457	3.579	3.061	2.799	1.170
Estado	33.044	21.537	34.221	41.025	16.525

Fonte: Instituto de Economia Agrícola e Coordenadoria de Assistência Técnica Integral.

sementes, cuja oferta está reduzida em função das perdas provocadas pelas geadas que afetaram as lavouras no ano passado. Em São Paulo, a oferta de sementes do Departamento de Sementes, Mudas e Matrizes (DSMM) da Secretaria da Agricultura diminuiu de 3.047,44 toneladas em 2000 para 1.757,40 em 2001, volume que já está totalmente reservado pelos agricultores. Essa quantidade de sementes é suficiente para o plantio de apenas cerca de 11 mil hectares. As outras fontes de sementes são a produção própria que alguns tricultores costumam fazer e a importa-

ção de outros estados, principalmente do Paraná; mas, na atual conjuntura, são de difícil obtenção e de preços elevados. Não há dados estatísticos disponíveis sobre o montante de sementes próprias, mas, segundo informações obtidas nas regiões produtoras, o volume poderia ser suficiente para cerca de 60% da área cultivada, de forma que não seria exagerado prever que a área plantada atinja pelo menos 20 mil hectares, dada a perspectiva excepcional para o mercado do produto nacional, o que representaria uma expansão de 43% na área cultivada em São Paulo.